

PAISAGENS BIOINDICADORAS

Marcella Moraes

Resumo: Neste ensaio, apresento uma investigação visual que nasce do encontro com seres bioindicadores – líquens, fungos, insetos e plantas espontâneas – que tornam visíveis as condições de saúde de determinados lugares. Por meio de linguagens como fotografia, colagem e aquarela, meu trabalho revela vestígios de alterações ambientais e abrem espaço para o surgimento de outras paisagens possíveis diante das urgências e instabilidades do presente.

Palavras-chave: Paisagens bioindicadoras. Arte contemporânea. Antropoceno.

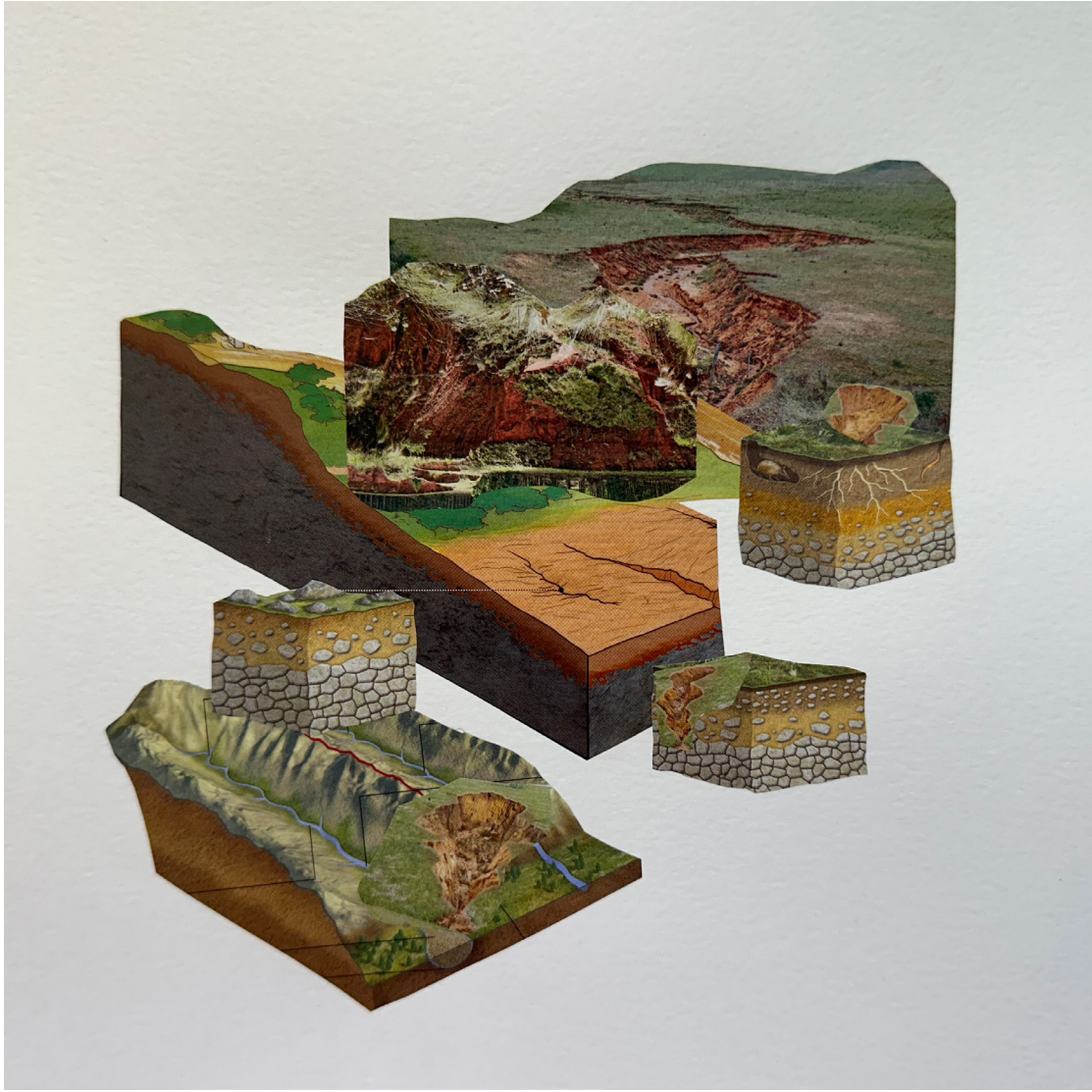
BIOINDICATOR LANDSCAPES

Abstract: This visual essay emerges from encounters with bioindicator beings – lichens, fungi, insects, and spontaneous plants – capable of making visible the environmental conditions of specific places. Through artistic practices such as photography, collage, and watercolor, the work traces subtle environmental shifts and opens space for the emergence of other possible landscapes amid the urgencies and instabilities of the present.

Keywords: Bioindicator Landscapes. Contemporary Art. Anthropocene.







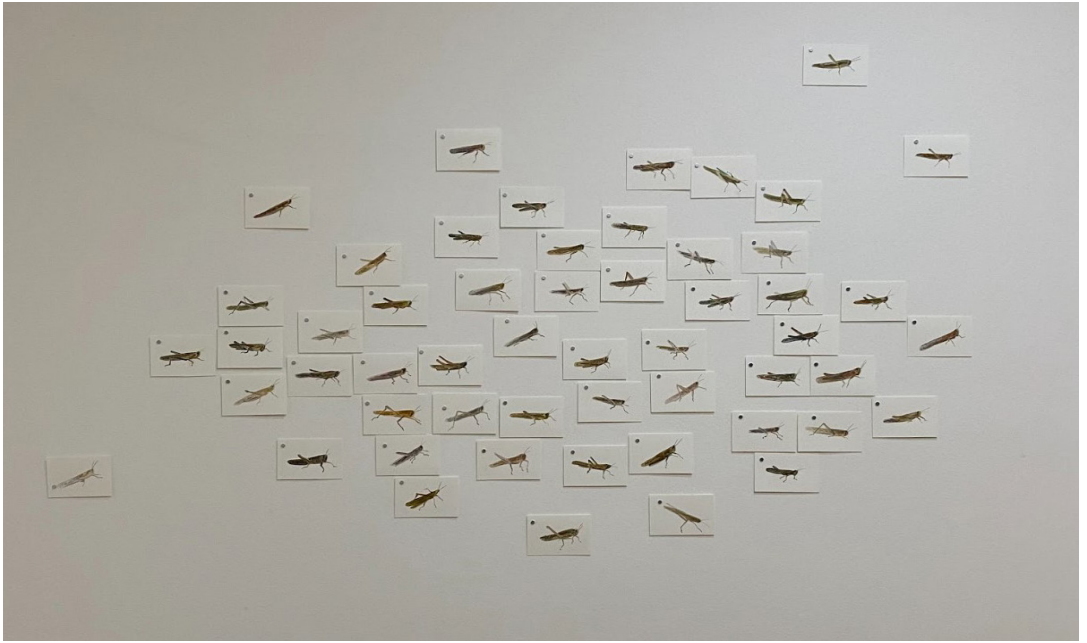


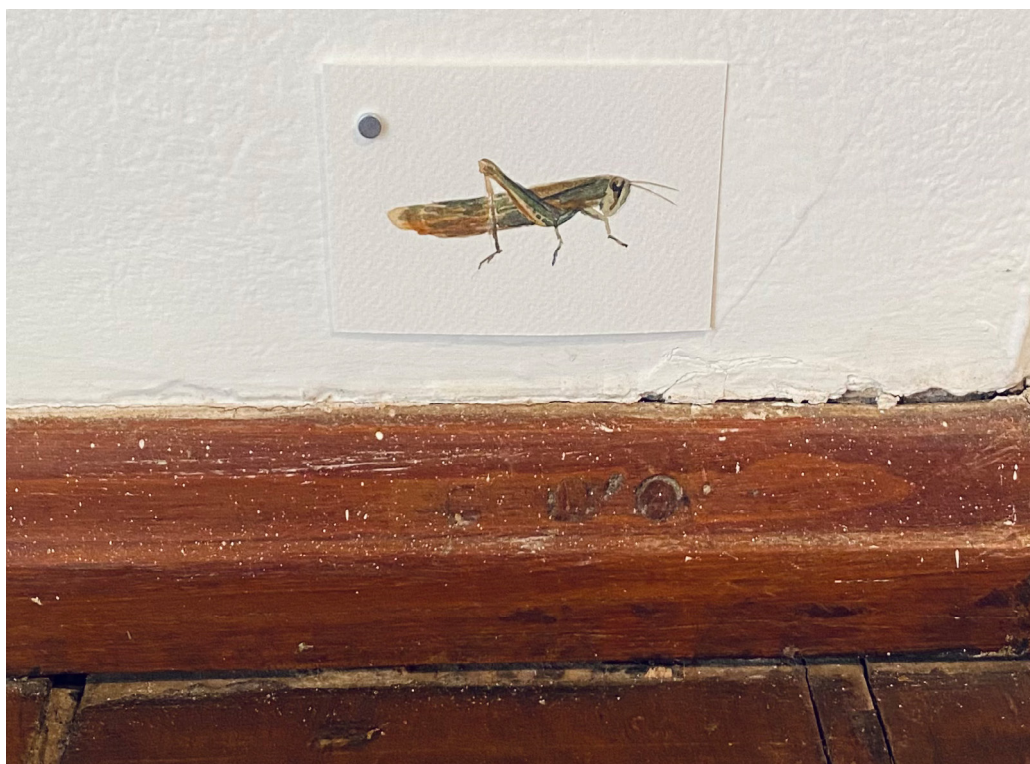












O ensaio visual que apresento parte de uma investigação sobre as transformações da paisagem em diálogo com os modos de existência no contexto do atual regime climático. Vivo e trabalho entre duas grandes florestas urbanas — a Floresta da Tijuca e a Serra de Inoã —, onde a presença constante da mata atravessa o cotidiano. Conviver com essas paisagens tem sido uma fonte de orientação nos meus processos artísticos, e muitas vezes me ensina a ver e a pensar o mundo tanto de forma local quanto global.

Esse olhar atento aos ambientes próximos tem se revelado fundamental para perceber as transformações sutis, porém significativas, da natureza. Vivemos no Antropoceno — termo proposto para nomear a era geológica em que a ação humana se tornou a principal força de transformação do planeta. Uma era de aceleração brutal, onde os impactos sobre os ecossistemas, o clima e a biodiversidade revelam mudanças profundas, muitas vezes irreversíveis, que exigem outras formas de percepção, cuidado e convivência.

Diante dessa realidade, a escuta da paisagem se tornou, em minha prática artística, um gesto político e afetivo, e me interessa aprender com os próprios sinais da natureza. Esse movimento se intensificou quando passei a observar o comportamento dos líquens — organismos complexos formados por uma relação entre fungos e algas ou cianobactérias. São considerados bioindicadores: sua presença, ausência ou abundância pode revelar o estado ecológico de um lugar, sua condição de saúde ambiental. No caso desses seres, sua presença indica baixos níveis de poluição do ar, enquanto seu desaparecimento pode sinalizar ambientes severamente degradados.

Foi a partir desse encontro com os líquens que desenvolvi, em minha pesquisa, o conceito de *paisagens bioindicadoras* — fruto da minha dissertação de mestrado na UFRJ¹. Aproprio-me do termo científico bioindicador como um dispositivo artístico, capaz de evocar vestígios sutis que revelam alterações ambientais e abrem espaço para o surgimento de outras paisagens. Por meio de diferentes suportes e

¹ A dissertação intitulada *Paisagens bioindicadoras* foi defendida em 22 de agosto de 2024, no Mestrado em Linguagens Visuais, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Felipe Scovino.



linguagens como a fotografia, a colagem e a aquarela, busco criar obras que despertam outras formas de atenção e presença em meio às urgências do presente.

Nesse percurso, apresento cinco obras que integram minha pesquisa artística. A primeira, intitulada *Mapas ambientais* (2022-2025), reúne fotografias de intervenções em florestas do Rio de Janeiro, nas quais posiciono recortes de mapas que representam análises ambientais de poluição no Brasil, retirados de atlas escolares, ao lado de líquens em árvores.

A segunda, *Campado* (2021-2024), é composta por colagens feitas com mapas, gráficos, diagramas e fotografias extraídos de atlas escolares. Esses elementos foram reconfigurados sobre o papel, gerando composições que dialogam com as paisagens de vários jogos de videogames. Resultando em territórios híbridos, artificiais e fragmentados em plataformas.

Atualmente, trabalho na série *Canteiro de restauro* (2024-2025), desenvolvida em aquarela de plantas espontâneas que nascem em territórios degradados e são dispostas em plataformas. Essas espécies, muitas vezes chamadas de *pragas*, desempenham um papel fundamental na regeneração da paisagem. As plataformas remetem às estruturas presentes em *Campado*, revelando como uma série se desdobra na outra em um processo contínuo de investigação da paisagem.

Em *Corpo de frutificação* (2022-2024), realizo ações em florestas do Rio de Janeiro onde insiro partes do meu corpo em troncos ocos. As imagens, embora pareçam digitais, são colagens reais feitas diretamente na paisagem. Esse gesto de imersão estabelece uma conexão profunda entre o corpo e a pele viva da floresta, compondo e decompondo-se com ela.

Por fim, apresento *Tempestade perfeita: nuvens de gafanhoto* (2020-2024), composta por aquarelas em escala real (cerca de cinco centímetros) que retratam a espécie de gafanhoto comum na América do Sul. Em 2020, impulsionados pelo desequilíbrio climático e pela monocultura, esses insetos formaram uma nuvem que atravessou países como Paraguai, Argentina e Brasil, levando à declaração de emergência ambiental.

Considero essa série também como uma paisagem – uma reverberação de um fenômeno milenar intensificado pela ação humana. No dia da abertura da exposição, uma mariposa pousou sobre uma das

aquarelas. Encontros efêmeros como esse renovam minha força para seguir com a pesquisa e me encorajam a enfrentar os desafios atuais com mais sensibilidade.

Encerro acompanhada por líquens, mapas, plantas, fungos e insetos, pois acredito que a experiência da paisagem, em minha prática artística, se constrói justamente nesse gesto: o de escutar o que é mínimo, identificar e decifrar rastros e reinventar paisagens sensíveis e possíveis.



LEGENDAS DAS IMAGENS

Figura 1-4 (Páginas 7 e 8). Marcella Moraes. *Mapas ambientais*, 2022-2025. Impressão com pigmento mineral sobre papel, 30 x 45 cm. Fonte: Acervo da autora.

Figura 5-7 (Página 9 e 10). Marcella Moraes. *Campado*, 2021-2024. Colagem de atlas escolar sobre papel. 230 x 120 cm. Fotografia: Paulo Pereira. Fonte: Acervo da autora.

Figura 8-9 (Página 11 e 12). Marcella Moraes. *Canteiro de restauro*, 2024-2025. Aquarela sobre papel. 51 x 35 cm. Fonte: Acervo da autora.

Figura 10-13 (Página 13 e 14). Marcella Moraes. *Corpo de frutificação*, 2022-2025. Impressão com pigmento mineral sobre papel, 30 x 45 cm. Fonte: Acervo da autora.

Figura 14-17 (Página 15 e 16). Marcella Moraes. *Tempestade perfeita: nuvens de gafanhoto*, 2020-2024. Aquarela sobre papel, 10 x 07 cm. Fonte: Acervo da autora.

Marcella Moraes é artista e Mestre em Linguagens Visuais (PPGAV/UFRJ). Investiga a paisagem no atual regime climático. A partir da observação de seres bioindicadores como os líquens – que tornam visíveis as condições de saúde de determinados lugares –, desenvolve o conceito de *paisagens bioindicadoras* como dispositivos que revelam alterações ambientais e abrem espaço para o surgimento de outras paisagens possíveis, por meio de diferentes linguagens como fotografia, colagem e aquarela. E-mail: marcellamoraesf@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5035-8825>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8855241427191102>